

MENINO COM PÁSSARO

Assis Furtado

A rua descia pela esquerda, que dava pra ver a linha do trem atrás do muro. O menino pisava os paralelepípedos, ouvindo já o barulho alto, também sentindo os cheiros fortes da feira. O avô parou na banca e apostou no bicho. Tinha grandes planos. Já o neto, o pequeno, este desejava feijões mágicos, certamente encontrados nalguma barraca, que o avô ia comprar pra ele. Era bom de barganha, o velho: primeiro mostrava as muitas variedades de frutas, quais ainda verdes, quais maduras; cheirava atento; então apontava aquelas podres. Banana podre não dá, meu camarada! – e o feirante abaixava o preço. Mas o velho continuava a reclamar, a pechinchar e insistir, escolhendo verduras das mais diversas, legumes frescos, frutos da terra. O menino olhava ao redor: lá vinha uma fila de mulheres altas, magras, carregando coisas na cabeça. Um peito escapando da alça do vestido – que engraçado! Outras falavam sem parar: bastava terminar uma conversa, já catavam outra pelo caminho – fofoqueiras! O avô puxou pelo braço: vamos! Quero feijões mágicos! Quer feijão mágico, meu filho? Feijões mágicos! Mágicos? É! Igual aos da história que te contei? É! Compra pra mim uns feijões mágicos! Eu quero! A rua era longa e tudo estava à venda: compra pra mim feijões mágicos! Eu quero! Você quer é ficar igual aquele pirralho ali, menino, não é não? – e o avô apontou um moleque chorão, malcriado, gritando com o pai na frente de todo mundo. O neto se aquietou. Não era aquilo o que queria pra si: não sou pirralho! Não sou chorão! Sou é homem! Assim que se fala! – elogiou o avô. Outro velho chegou junto e o provocou com algum insulto estranho. O menino arregalou os olhos. Os dois se abraçaram e riram. O outro velho trazia uma galinha debaixo do braço. Os dois vão lembrar da guerra; reclamar do preço; perguntar como vão as mulheres; falar de política; contar piada; lembrar de novo; e convidar pra almoçar no sábado. Esse aí é que é o varão? Como tá crescendo! Mas o menino só queria ir embora, porque a

galinha o estava incomodando. Você é homem ou não é? – perguntou o avô, irritado – vai fazer igual àquele pirralho malcriado, vai? O neto se aquietou. Esperou. O outro velho mostrou a galinha. Tinha grandes planos. Relembrou a trincheira e casamata, galocha e frieira. Amigos mortos. O avô ria da galinha. O menino sentou no chão, cruzou as pernas e apoiou a cabeça nas mãos. Tédio. Avistou a barraca de feijão, maravilhosa. Levantou-se depressa: correu, cruzando a multidão; aproximou-se. Observou, atento e encantado, as muitas variedades de feijões: tamanhos, formas e cores – os mágicos deveriam estar nalgum lugar. Pivetes olhavam pra ele, sujos e abandonados. O que queriam? Amizade? Feijão? Tira o olho de mim! Pensou o menino, incomodado. Eles remexeram grãos e foram embora correndo, levando um punhado nas mãos. Voltem aqui, seus pirralhos! Pensou o menino, indignado. Irritado; inconformado com coisa errada, perpetrada assim, impunemente, diante dele. Pudera xingar como o avô – seus patifes! Descarados! Sem-vergonhas! – xingar, cuspir e fumar como um soldado de verdade! Olhou as sacas de feijão: o feijoeiro não tinha nem notado o grande prejuízo, distraído. As sacas de feijão. Pessoas remexendo, perguntando, comprando. A balança, o dinheiro. E se por um instante ele apanhasse um único grão de feijão na mão, sem que ninguém visse, e corresse, corresse, corresse? Se fizesse isso: segurasse um único feijãozinho, pretinho, encolhidinho feito neném – como dizia a mãe – e fugisse, escapasse, conseguisse? O menino escolheu um grão. Olhou. Sentiu. É um feijão comum – convenceu-se – não é mágico! Ouviu música. Entrou no meio da multidão: pernas de gente grande, cestinhas de compras, cascas de laranja, abacaxi e melancia; cheiro de suor; vozes; confusão. E a música, a que o menino procurava, que, no centro da feira, dois violeiros cantavam: história de aventura, valentia e amor. Cavaleiro errante, sertão, princesa. O avô chegou berrando, sacudindo o menino, ameaçando dar uma surra nele no meio da feira, pra ele tomar vergonha, aprender a não ser malcriado. Quero ouvir a história! O velho berrava, sacudia, ameaçava; mas o menino não chorou: não tinha coragem de chorar na frente de todo mundo. Era um homem. Apressado, avô puxou neto pelo

braço. Prosseguiu. Através da feira: duas mulheres brigavam por um peixe; um moço xingava um feirante por causa do preço; uma velha fumava e cuspiu num cachorrinho sarnento. Adultos são todos malvados: só pensam em brigar uns com os outros, o dia inteiro; não é isso o que quero para mim; não quero brigar com ninguém. Pivetes corriam, perseguidos. Um deles foi capturado. Levou uma surra de uma mulher. Chorou, sem vergonha nem medo; escandalizado, esgoelado, exagerado. Quero ser pivete. Livre. Correr, correr, correr; pra onde eu quiser. Roubar feijão e não me sentir mal. Não obedecer. Não ser adulto. Ser malcriado. Um negro; a sombra do chapéu de palha escondendo o rosto; a vara no ombro, repleta de caranguejos vivos, pendurados em cada uma das pontas. Surpresa, espanto e susto: o menino se agarrou no avô. Caranguejo podre não dá, meu camarada! – e o catador abaixava o preço. Aflição, medo, pavor: pernas e pinças remexendo, sujas de lama preta, cheirando mal. Esses aí tão muito velhos; não servem, coitados! Uma fortuna pra caranguejo podre, assim, não pago! Não vale! Gritaria e gente correndo. O velho agarrou o menino e foi assistir à confusão: mataram um! Um moço; caído sobre os paralelepípedos; sangrando; outro moço limpando o sangue da faca; olhando satisfeito. Aqueles olhos. Aqueles olhos incomodavam demais. O matador deu de ombros e foi embora – o povo abriu caminho. O morto morreu devagar, gemendo baixinho, chamando a mãe – alguém cobriu ele com um jornal de embrulhar couve. A feira continuou. O morto, não. O que foi que aconteceu? Ele morreu, meu filho. Por quê? Foi se meter onde não devia – morreu! mereceu! Coração batendo forte, barriga apertada, cabeça cheia de perguntas: ele não vai se levantar? ele não vai pra casa dele? cadê a mãe dele? será que todo mundo merece? Pios de pássaros, então: a parte da feira que o menino mais gostava. Centenas de passarinhos coloridos, acotovelados, espremidos nas caixinhas, enjauladinhos; em exposição maravilhosa: coleirinho, curió, azulão; pássaro-preto; sabiá. Muitos outros que o avô ainda não tinha ensinado os nomes; muitos, tantos. A ração nunca estava podre: o velho não reclamava, nem pechinchava, nem insistia. A gaiola mais alta, um pássaro de máscara vermelha.

Qual é aquele? Aquele é o pintassilgo-do-reino; gostou dele, foi? Os olhos vivos; o canto extenso, diferente – cheio de conteúdo. O passarinho avisou que era o mais caro, que o pintassilgo-da-terra e o canário-belga estavam na promoção e tanto quanto eram canoros de substância, estilo e expressão. O menino olhou os outros passarinhos, conformado. Não são, não, contestou o avô. E pagou à vista: tome, menino, que é teu! O pequeno fez questão de carregar a gaiolinha por toda a avenida. Conversava com o novo amigo, o pintassilgo-do-reino, o da mascarinha vermelha. E o pássaro respondia, brilhante, incendiado, intenso. O barbeiro, que criava um coleirinho-papa-capim, viu; o padeiro, que tinha três canários-da-terra, viu; o jornaleiro, que cuidava dum trinca-ferro, viu. Avô e neto chegaram em casa. O velho subiu pra guardar as compras. A mãe estava sentada em seu banquinho, debaixo da goiabeira. O menino tirou o pássaro de dentro da gaiola – sentiu o coraçãozinho disparado em sua mão pequena – e foi ao jardim, mostrá-lo. A mulher pegou o filho e o sentou sobre suas pernas. Olha, mãe! Meu avô me deu esse passarinho! Ela sorriu discretamente sob os olhos graves: ele te levou lá? te mostrou como é que é o mundo, meu filho? Foi; eu vi um moço morrer; ele chamou a mãe dele. O sorriso dissipou. A senhora também merece morrer? A mulher não respondeu de imediato. Respirou fundo. Então disse, tranquila: esse pássaro aí, que você tanto gosta; ele vai morrer um dia. Preocupado com o novo amigo, o menino abriu a mão pequena para vê-lo melhor – tormenta! flagelo! castigo implacável que recai sobre os desatentos! – e o pássaro, num piscar de olhos, voou. Voou pra longe, muito longe, muito longe, desaparecendo atrás das grandes mangueiras. O menino sentiu vontade de chorar. Vê, meu filho, disse a mãe; de hoje em diante o pássaro é teu; é só teu.

Segunda-feira, 21-IV-2014 ±15:20h.

Daniel de Assis Furtado, 34 anos, natural de Duque de Caxias/RJ e radicado desde 2004 em Araraquara/SP, graduou-se em Letras pela Unesp e cursa o mestrado em Estudos Literários na mesma instituição. Ministra desde 2011 o Curso de Produção Literária na Casa da Cultura de Araraquara e é membro do Conselho Municipal de Cultura de Araraquara, tendo presidido a última formação do órgão. Seu conto “Florida”, elogiado pelo poeta Donizete Galvão (1955-2014), foi finalista do Mapa Cultural Paulista 2013/2014. O conto “Menino com pássaro” está no livro “Morro da Dezembroada” (Araraquara: Ed. do Autor, 2015).